



Sobre adolescência, luto e a posteriori

Rodolfo Urribarri*, Buenos Aires

Neste trabalho, desenvolve-se um exame crítico da difundida relação luto/adolescência, buscando delimitar sua verdadeira dimensão e refutar sua generalização (considerando o que foi exposto por autores diversos como A Freud, P. Blos, A. Aberastury e O. Fernández Mouján), a partir da perspectiva e definição colocadas por S. Freud em “Luto e melancolia”. Considerando a crítica à concentração da adolescência em torno dos lutos, o autor expõe sua dissidência e justifica a caracterização desse período como de conquistas e progressos em vez de perdas e lutos, assentando-se em conceitos freudianos como “prêmio de prazer”, bem como em uma caracterização diferente do processo de desenvolvimento. Especifica, a seguir, o que entende por problemática do enlutar-se e diferencia outros processos correlacionados – a desidealização – para penetrar na elucidação do processo adolescente recorrendo a diversos conceitos. Faz, depois, uma breve caracterização da problemática dos pais durante a adolescência dos filhos, para finalizar com uma síntese de suas reformulações e da caracterização da adolescência, bem como das conseqüências clínicas derivadas disso tudo no tratamento psicanalítico dos jovens.

* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica Argentina.



Introdução

No presente trabalho, vou me deter no conceito de luto e sua teorização em nosso meio como central na problemática adolescente, deixando para outro momento o problema do luto devido à perda de um ser querido.

Sabemos que o decurso da adolescência envolve uma série de modificações que se produzem no psiquismo e nas relações com o meio (humano e ambiental) a partir da maturação física e genital. A pergunta a responder, em relação às intensas mudanças que se produzem nesse período, é a seguinte: o que se pranteia? Ou, dito em outros termos: o que se lamenta, o que dói perder do passado? O que se liga com o que é o novo? E como se produz essa passagem do infantil ao juvenil? O que se projeta para a maturidade? Cabe acrescentar a essa pergunta se essa mudança é diferente das mudanças evolutivas em outros períodos.

Revisão bibliográfica

Talvez a primeira referência à relação do papel que a aflição cumpre na adolescência seja a de Nathan Root (1957), por sugestão de Berta Bornstein, ligada ao desprendimento afetivo dos pais e à orientação para novos objetos, de acordo com o que postula Freud (1905). Um ano mais tarde, Anna Freud (1977), em seu trabalho clássico sobre adolescência, relaciona as dificuldades no tratamento dos jovens com as que se apresentam em pacientes em luto ou que sofreram um infortúnio amoroso recente, firmando pé na semelhança emocional e de comportamento dos adolescentes com essas duas situações. Os ditos casos “(...) são estados emocionais nos quais a libido do indivíduo está totalmente comprometida com um objeto de amor real do presente ou do passado imediato; a dor mental é o resultado da difícil tarefa de retirar a catexia e renunciar a uma posição que já não oferece possibilidade de retorno do amor, isto é, de gratificação (...)” Acrescenta logo que “(...) também o adolescente está empenhado em uma luta emocional de extrema urgência e imediatismo. Sua libido está a ponto de se desligar dos pais para catexizar novos objetos. São inevitáveis os lutos pelos objetos do passado e os enamoramentos afortunados e desafortunados” (p.172).

Pouco depois Peter Blos (1980) refere, ao se ocupar da fase da adolescência propriamente dita, que essa se liga a dois temas dominantes, a saber, a revivescência edípica positiva e a desconexão com os primeiros objetos de amor, e acrescenta que se pode descrever essa fase em termos de dois amplos estados afetivos: luto e enamo-





ramento. “*O trabalho do luto é uma tarefa psicológica importante no período da adolescência* (N. Root, 1957, p.151). *A elaboração do processo de luto é essencial para a conquista gradual da liberação do objeto perdido; requer tempo e repetição. Similarmente, na adolescência, a separação dos pais edípicos é um processo doloroso que somente se pode conseguir gradualmente*”, resenhando logo a contrapartida desse fenômeno dado pela capacidade de enamoramento dos jovens. Mais adiante volta ao tema relacionando o luto com a perda objetal do pai edípico: “*Essa perda é mais definitiva e irrevocável do que a que ocorre no final da fase edípica*”.

Edith Jacobson (1974) alude ao já resumido e caracteriza a adolescência como “*(...) o período entre a triste despedida da infância e uma gradual, ansiosa e esperançada passagem de barreiras, no caminho que permite a entrada no, ainda, desconhecido país da idade adulta*”, assinalando: “*Não só deve desligar-se dos objetos e limitações infantis, mas também renunciar a seus anteriores prazeres e metas, assim como preparar-se para sua maturidade, o que requer uma completa reorientação que leva a enérgicas transformações estruturais, a uma redistribuição catéxico-econômica e a uma drástica recomposição de toda a organização psíquica*” (p.171). Acrescenta no capítulo seguinte: “*Agora os desejos hostis e sexuais incestuosos devem ser finalmente abandonados. Além disso, os laços afetivos que o adolescente tem com os pais devem também ceder (...) Essa é a causa de suas reações de pesar, que não têm paralelo na infância. O que faz essa tarefa emocional ainda mais difícil é o fato de que implica, ainda, um definitivo e final abandono da dependência prática e emocional de seus pais*” (p. 81).

Três anos depois, novamente Peter Blos (1981) reitera a relação entre o afeto concomitante ao desligamento das representações parentais infantis e o trabalho de luto que se desenvolve paralelamente com a alegria de sentir-se independente do progenitor interiorizado. Assinala também os estados transitórios de exaltação, egolatria e ensimesmamento, produtos da transitória inundação libidinal do ego, até sua reconexão com novos objetos.

Em nosso país e na América Latina foram os trabalhos de A. Aberastury e colaboradores os que, a partir de outra perspectiva, relacionaram a adolescência com o luto (Aberastury, 1971). Começam assinalando o caráter invasivo que as modificações corporais, assim como as exigências ambientais, têm para o adolescente, e que isso “*(...) leva-o, como defesa, a reter muitos de suas conquistas infantis, ainda que coexistam também o prazer e o afã de alcançar seu novo estado (...)*”, assim como refugiar-se em seu mundo interno. Acrescentam que as mudanças em que a criança perde sua identidade implicam na busca de uma nova identidade. Um parágrafo adiante assinalam que a modificação do jovem é lenta e “*(...) nenhuma premência interna ou externa favorece esse trabalho, pois, como toda elaboração de luto, exige tempo*



para ser uma verdadeira elaboração e não tomar as características de uma negação maníaca.” A patologia desses lutos aparenta a adolescência com a psicopatia e, em ambas, a conduta dos pais pode favorecer ou não essas negações. A perda que o adolescente deve aceitar, ao fazer o luto pelo corpo, é dupla: a de seu corpo de criança, “(...) a partir da aparição dos caracteres sexuais secundários” e “(...) o abandono da fantasia de duplo sexo, implícita em todo ser humano como consequência de sua bissexualidade básica” (p.110-112), agregando logo que “(...) a elaboração do luto conduz à aceitação do papel que lhe determina a puberdade. Durante o luto surgem defesas cujo fim é negar a perda da infância” (p.113). Assinalam que, quando o adolescente pode aceitar os aspectos infantis e adultos, torna-se capaz de oscilar na aceitação de suas mudanças corporais, e surge paulatinamente sua nova identidade. “Esse extenso processo de busca de identidade ocupa grande parte da energia e é a consequência da perda da identidade infantil que se produz quando começam as mudanças corporais” (p.115). Logo reiteram que as modificações no corpo promovem “(...) a estruturação de um novo ego corporal, a busca de sua identidade e o cumprimento de novos papéis, assim como uma nova forma de relação com os pais”, acrescentando que “(...) deve deixar de ser através dos pais para chegar a ser ele mesmo” (p.117). Insistem a seguir na atitude dos pais, que podem travar o trabalho do luto quanto à incompreensão das oscilações de conduta no eixo dependência/independência.

Talvez seja mais claro (ainda que não de todo coincidente) o que diz M. Knobel a propósito: “Seguindo as idéias de Aberastury, podemos dizer que o adolescente realiza três lutos fundamentais: a) o luto pelo corpo infantil perdido, base biológica da adolescência, que se impõe ao indivíduo, que não poucas vezes deve sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como espectador impotente do que ocorre com seu próprio organismo; b) o luto pelo papel e identidade infantil, que o obriga a uma renúncia à dependência e a uma aceitação de responsabilidade que muitas vezes desconhece e c) o luto pelos pais da infância, os quais persistentemente trata de reter em sua personalidade, buscando o refúgio e a proteção que eles significam, situação que é compartilhada com a atitude dos pais (...) Une-se a esses lutos o luto pela bissexualidade também perdida. Esses lutos, verdadeiras perdas de personalidade, variam acompanhados por todo o complexo psicodinâmico do luto normal e, por vezes, transitória e fugazmente, adquirem as características do luto patológico” (p.10-11). O. Fernández Mouján define luto e logo adolescência: “A partir dessa perspectiva, como um período em que se vivem as vicissitudes de perdas manifestadas em todas as áreas de relação: com o corpo, com os objetos externos (família e meio ambiente) e com os objetos internos (as identificações e suas configurações)” (p.128). Destaca: “(...) o ego, ao ter que deixar determinados vínculos





objetais e esperar a nova organização vincular, opera sobre um espaço confusional, que gera três tipos clássicos de ansiedade: 1) de perseguição, 2) depressivas, ligadas às fantasias sobre as perdas, de ser atacado ou de haver atacado, como também de perder uma estrutura e de transitar por um espaço incerto, que acrescenta 3) outra ansiedade muito importante nesse processo de luto, ligada a viver a identidade em crise e que costuma manifestar-se como despersonalização, estranhamento e desorientação, a ansiedade confusional” (p.128). “O luto adolescente não é um luto ‘puro’, que supõe uma perda e um novo vínculo objetal. Durante a adolescência, a perda coexiste com um ‘renascer’(...); não só se vive uma perda e seu conseqüente deslocamento da libido objetal para o ego, como há um deslocamento da libido narcisista para novos objetos, requeridos, não pela perda, mas pela nova configuração egóica desenvolvida” (p.133-134). Liga a seguir o luto a três etapas da adolescência. Durante a puberdade, o luto concentra-se no corpo sobre duas perdas: a do corpo físico tangível e a do esquema corporal que inclui a idealização do corpo adulto esperado. Aos quinze anos centra-se no ego psicológico, entendendo-se por tal as identificações e a função imaginativa e pensante. Caracteriza a última etapa adolescente o deslocamento para novos objetos e supõe a conquista de uma identidade básica que possibilita ao sujeito o estar só. Relaciona essas três fases com os três períodos do luto, segundo Bowlby, a saber, de protesto, de desesperação, de desapego e busca de novos objetos. Por último, assinala uma coincidência entre os três momentos do luto e os três períodos adolescentes: “Na puberdade, sobressai o afastamento do objeto; na meia adolescência predominam as tendências narcisistas, a idealização egóica, as ilusões e a participação em identidades grupais ou totalidades, no fim da adolescência encontramos a volta ao objeto externo”.

Revisão crítica

Nos autores estrangeiros resenhados, salienta-se uma concepção freudiana do luto ligado à renúncia aos objetos primários de amor e sua concomitante renúncia afetiva. É de ressaltar que P. Blos assinala o enamoramento como um estado coetâneo do luto, o que marca essa peculiaridade adolescente de “largar e pegar” ao mesmo tempo. Algo similar pode-se referir ao que foi transcrito de E. Jacobson sobre não haver só certa tristeza pelo afastamento da infância, mas também júbilo pela paulatina concretização de sua esperança de ser adulto, de a ênfase situar-se mais no que progride e se desenvolve do que no que se perde.

Sobre as formulações de A. Aberastury e colaboradores, é importante assinalar que não definem seu conceito de luto; não são, claramente, nem uma postura





Rodolfo Urribarri

kleiniana, nem freudiana. Se nos atemos ao esquema proposto por Freud para o luto, desde o econômico com seus três momentos (decatexização, volta ao ego e recarga de novos objetos), tal não parece cumprir-se nos lutos propostos, pois esses momentos não são sucessivos, mas, na generalidade, simultâneos (por exemplo, a coexistência de condutas e sentimentos de identidades infantis e adultas, ou a vinculação com novos objetos sem se ter renunciado completamente aos primários).

Tampouco definem explicitamente ao que se referem com cada luto, nem como é o processo de elaboração do mesmo, pelo qual gradualmente se ascende à idade adulta, nem o que entendem por corpo infantil, papel infantil e pais da infância. É evidente que, para eles, no luto, o central é a perda, e podemos nos perguntar, nos referindo, por exemplo, ao luto pelo corpo infantil, por quê, para o adolescente, seu corpo mutante é significado necessariamente como perda. Ou, por acaso, não observamos, na generalidade, que o crescimento e a maturação puberal são ansiosamente desejados e jubilosamente recebidos?

Algo semelhante poder-se-ia colocar para os outros dois lutos. Por outra parte, no que se refere ao luto pelo corpo, dizem os autores que o adolescente deve aceitar uma dupla perda: a do corpo de criança e a da fantasia de bissexualidade. A primeira, parecem referi-la mais ao corpo tangível e concreto, não à sua representação psíquica, enquanto a outra perda se refere a uma ordem diferente, uma fantasia; ambas declinam, para eles, a partir da maturação física, o que torna a proposta um tanto confusa. Quanto ao segundo luto, enfatizam a busca de uma nova identidade que substitui a identidade perdida. Mas, se o que caracteriza o sentimento de identidade no sujeito é continuar sendo o mesmo ainda na mudança, como é que se perde uma identidade e se “caminha” até a aquisição de outra? Se assim for, todos os adolescentes atravessariam um longo período psicótico, já que perderam sua noção de identidade, e é claro que isso não é o que habitualmente observamos.

Ora bem, voltando a Freud, o desenlace de uma perda promove a identificação no ego com o objeto perdido, mas, nessa perspectiva, podemos imaginar algum jovem identificado com seu corpo infantil ou com sua identidade infantil como resultado normal de sua adolescência? Não parece ser esse o desenlace.

O. Fernández Mouján centra-se na perda na adolescência e assinala que abarca todas as áreas. Assim sendo, a pergunta é a seguinte: como sobrevivem os jovens a tão intensa e devastadora sensação de perda? Se são discutíveis as perdas no corpo (é homologável ao colocado pelos autores anteriores) e mais ainda com respeito à família e meio ambiente, é desconcertante sua colocação de perda de identificações, que não aclara nem desenvolve.

Quanto à tríplice dimensão da perda, é claro que se adscrive à colocação de L. Grinberg (1963), quando assinala a perda por parte do ego. Assim mesmo segue a





proposta de J. Bleger, quando acrescenta a ansiedade confusional às postuladas por M. Klein. Não fica claro por que pareceria postular um lapso entre abandonar certos laços objetais e a nova organização vincular. Se assim fosse, dar-se-ia um “vazio relacional” e, conseqüentemente, de objetos catexizados, o que implicaria um estado psicótico que duraria tanto quanto a adolescência. Além disso, não está claro como se chegaria à nova organização vincular. Tampouco aclara ou justifica por que a espera se produz, para ele, sobre um espaço confusional, o que novamente remete a uma imagem caótica da adolescência, que não coincide com o observável.

Quanto à superposição do esquema das três etapas na adolescência com o de três etapas do luto observado por Bowlby (em crianças pequenas frente a perdas objetais importantes como a dos pais), não parece justificada teoricamente, nem esclarecidas as regras de correspondência, nem sua utilidade. Por exemplo, na etapa de protesto, para Bowlby, “(...) o ego trata de recuperar o objeto perdido e se queixa do acontecido, mostra-se irritável, inquieto e decepcionado” (p.130 e 67). Como ela se relaciona com a proposta do púbere? Essa é entendida por ele não como enfrentamento com os pais, ou como produto da regressão pré-genital, ou como defesa frente à mãe arcaica, mas como reação ao corpo infantil e ao esquema corporal perdido? E, nesse caso, o que acrescenta como esclarecimento quanto ao luto ou quanto ao conhecimento da puberdade? Com respeito à sua correlação final das três fases da adolescência com os três momentos do luto para Freud, considero parcialmente válida. Na puberdade sobressaem o distanciamento físico e o rechaço reativo dos objetos primários; se isso é o que se entende por abandono do objeto, está certo, mas não está caso se refira à sua decatexização, que é posterior, como parte do desenlace edípico que ocupa a adolescência média. O incremento narcisista ou a participação grupal não são exclusivos nem predominantes somente no segundo período, assim como o encontro do objeto a que se refere Freud é característico da última (suponho que se refere a esse objeto, já que objetos externos novos aparecem ao longo de toda a adolescência e também da vida).

Resumindo, os lutos propostos não se atêm às características assinaladas por Freud para o luto, nem em seu movimento catéxico, nem no objetual, nem no identificatório. Tampouco o seriam segundo o esquema kleiniano, já que esse se centra na revivescência da perda do peito e na etapa depressiva, à qual, curiosamente, A. Aberastury, pioneira da dita corrente em nosso país e na América Latina, não alude. Nem pareceria coincidir, por outra parte, com a observação da adolescência.

Gostaria de destacar que, posteriormente aos trabalhos iniciais, se hipertrofiou o valor dos ditos lutos ocupando o centro das formulações teóricas e clínicas quanto à problemática adolescente, ao ponto que se o assinalava quase como um axioma ou postulado dado por aceito e do qual se partia. Essa situação esquematizou



e apequenou o pensamento de A. Aberastury sobre o tema, como se pode constatar em seus outros trabalhos e que me corrobora um de seus mais próximos colaboradores (Salas, 1972, 1988). Como exemplo, em seu último trabalho (Aberastury, 1971), de vinte e cinco páginas, somente duas são dedicadas ao luto, enquanto no restante se espraia ricamente sobre a adolescência. Consta-me sua preocupação por outros aspectos, por exemplo, pelo papel dos pais (em particular do pai) quanto à facilitação ou trava do desenvolvimento normal do jovem, assim como também o papel desempenhado pelos condicionamentos sociais, o exercício da liberdade, a importância do pensamento e do mundo interno, etc., prova de que não concedia aos lutos o papel central (Aberastury, 1971, 1972).

Quero deixar bem claro que minha crítica aos mencionados autores, quanto ao luto, não empana o valor de suas contribuições em outros aspectos, nem o papel protagônico e meritório que desempenharam no estudo da adolescência e da assistência clínica dos jovens, mas que essa crítica tem a intenção de trabalhar e questionar suas propostas teóricas e assinalar seus déficits, ou seja, pô-las à prova.

Reformulações

Estimo que uma das dificuldades em torno desse tema provém de um equívoco sobre o desenvolvimento, no qual se enfatiza o que se deixa e se significa como perda. O adolescente não perde, mas muda, transforma-se. Se lhe custa deixar o conhecido (infantil), deseja ardorosamente o novo e luta para consegui-lo e exercitá-lo, tanto ou mais do que sofre por se afastar de seu passado, que sobredimensiona e idealiza a partir das dificuldades e angústias que o novo lhe aparenta. Ou seja, o infantil se modifica, se complexifica e organiza sob uma nova forma, ou, em outras palavras, produz-se uma transmutação, a qual, de alguma maneira, inclui o anterior.

A relação com os pais, a identidade, o papel e o corpo infantil não constituem propriamente uma perda, mas sim mudam, e essa mudança para o novo, de alguma maneira, embasa-se no passado infantil, inclui e modifica esse passado. Portanto o mesmo não se perde e, conseqüentemente, não é motivo de luto.

Poderia dizer, parafraseando a lei de Lavoisier, que nada se perde, tudo se transforma, o que é uma concepção do desenvolvimento radicalmente diferente daqueles que postulam: *"Viver implica necessariamente passar por uma sucessão de lutos. O crescimento em si, a passagem de uma etapa a outra envolvem perdas de certas atitudes, modalidades e relações que, ainda que sejam substituídas por outras mais evoluídas, impactam o ego como processos de luto, que nem sempre são suficientemente elaborados"* (Grinberg, 1963, p.325).





Observa-se claramente nas mudanças evolutivas ou em outros fatos do viver, que deixar algo ou mudar de estado não promove mal-estar ou pesar, senão que se realiza sem sofrimento. Ademais, conta nisso para o sujeito não só o que sente que pode perder, mas o que ganha em troca. Por exemplo, uma criança pode recear afastar-se e perder temporariamente seus pais, seus cuidados, segurança e amparo, ao participar de um acampamento, mas as atividades que vai realizar, a convivência com companheiros e líderes, ou seja, o ganho, a estimulam, ou compensam da perda, pelo que a mesma não é vivida com pesar e dor, afetos próprios do luto, mas com interesse e, inclusive, alegria. O que não impede que recorde os pais e deles, em parte, sinta falta.

Essa busca de ganho significa como desejável algo que se espera que provoque um incremento do prazer que se deseja satisfazer. É essa perspectiva do prêmio de incentivo e prazer, a partir do qual o sujeito monitora o acesso a novas situações e conquistas, que impulsiona o desenvolvimento (Freud, 1905, 1905, 1908). Em outros termos, a criança normalmente deseja desde pequena ocupar o lugar do adulto ao qual atribui todos os privilégios e prazeres. Por isso busca o progresso nos diferentes níveis e, na adolescência, o acesso à genitalidade e à independência dos pais a fascina e ressarce de qualquer perda possível.

A crença na necessidade de elaborar lutos frente às mudanças (mesmo as mais insignificantes) promoveu uma visualização equivocada dos jovens, que eram tachados de atadores que não podiam sentir as perdas, o que os aproximava perigosamente da psicopatia, ou, se não, as atuações eram entendidas como reações maníacas pela negação do luto. Em ambos os casos, patologizava-se uma conduta normal, produto do interesse pelo exercício do novo, que Freud assinalava como prazer funcional, assim como o interesse que o prêmio de prazer lhes desperta, que explica o impulso para o novo e o desenvolvimento. Como foi dito em um trabalho anterior (Urribarri, inédito): *“Aqueles que se centraram no luto, metaforicamente, viajavam em um barco (o desenvolvimento), porém olhando do terraço da popa, vendo tão só a esteira que deixava, afastando-se dolorosamente do conhecido, enquanto não captavam que, caso se colocassem na proa, veriam como sulcavam as águas avançando para novos horizontes. E o desenvolvimento é as duas coisas ao mesmo tempo, tanto a pena pelo que se deixa como a alegria pelo que se alcança, pelo que se progride”*. Eu acrescentaria hoje que deve sobressair esse último, pois em caso contrário há detenção ou regressão.

Parece-me, portanto, mais acertado que falar do grau de elaboração do luto pelo perdido frente à assunção do novo, utilizar como explicação do funcionamento juvenil o modelo – proposto por H. Deutsch (Deutsch), P. Blos (1981) – dos movimentos oscilantes entre o regressivo e o progressivo que caracteriza o adolescente





Rodolfo Urribarri

(mais acentuadamente no início do período), que não são somente uma maneira de resolver e dirigir fixações prévias, juntamente com as novas capacidades e possibilidades, como também que possibilita incluir no futuro o passado, o que sem dúvida relativiza “a perda do infantil”.

Retomando, do recentemente exposto, o problema do luto pela perda do corpo infantil, direi que, para mim, não há tal perda, nem luto, porque o corpo se desenvolve a partir do corpo infantil prévio com sinais progressivos de mudança e porque, a partir do físico, as novas capacidades, a potência muscular, a maturação genital e, conseqüentemente, a capacidade reprodutiva, assim como a voluptuosidade no uso do corpo e da capacidade orgástica-genital, que progressivamente homologam o adolescente como adulto, lhe dão esse prêmio de incentivo e prazer que promove a progressão e compensa o que se deixa. Quanto à representação psíquica do corpo, tampouco se perde. Visto que, paulatinamente, se percebem novas sensações (extero e intraperceptivas), se captam modificações externas, novas funções aparecem e o corpo é visto pelos outros de modo diferente. Esses elementos são significados e incorporados gradualmente e se vai produzindo uma parcial e continuada modificação da dita representação psíquica do corpo. Pelo que, reitero, não se perde a representação do corpo infantil, mas essa se encontra incluída na transformação que sofre a dita representação e que, de outro ponto de vista, outorga continuidade na mudança e no tempo. Com base nisso, podemos, da mesma forma, pensar sobre a identidade, que não se perde, mas que se transforma e complexifica, ou sobre a relação com os pais, que varia.

As vacilações ou transtornos relativos que se observam podem ser explicados, não em função das dificuldades para elaborar os lutos, mas sim, como a necessidade de incluir novas capacidades e funções (por modificações quantitativas e qualitativas) frente às quais o adolescente se encontra desconcertado, já que ainda desconhece suas próprias possibilidades, efetoras e prazerosas, com relação aos seus desejos e afetos, assim como o equilíbrio entre a aceitação e a exigência de seu meio e o predomínio egóico na organização de sua vida de acordo com um sistema valorativo e de ideais mutantes que regulem sua ação e orientem sua vida. Essa diferença de conceitualização do fenômeno determina um enfoque radicalmente diferente na clínica.

O que se disse antes leva a pensar que a palavra “perda” (cujo sentido alude a algo, alheio ao sujeito, que a induz) não corresponde ao fenômeno de que se trata aqui. No jovem, esse afastamento da infância define-se mais pelo “deixar”, no sentido de abandonar uma coisa, cessar, resignar-se (que conota uma atitude a partir do sujeito ativo na situação). Dessa perspectiva, o jovem deixa um objeto, um modo reacional, de satisfação ou de descarga. Em última instância, deixa sua infância para apossar-se do novo e encaminhar-se para a maturidade. Deixar o infantil, afastar-se





com o olhar para o futuro, transforma-se em perda e conseqüentemente em trava para o desenvolvimento e em lutos a superar, na medida em que a história desse sujeito é condicionada pelas diversas vicissitudes que lhe toca viver – como a intensidade e/ou reiteração de experiências traumáticas – e pela atitude dos pais e da ideologia familiar e social, que condicionou e condiciona sua aceitação ou rechaço das mudanças e da vida (coincido com o assinalado por A. Aberastury sobre a importância do papel dos pais e da sociedade).

O que se perde ou se enluta na adolescência?

Sobre o que expus antes, poder-se-ia pensar equivocadamente que não creio haver perdas e lutos durante esse período. Por isso destaco a seguir o que, no meu entender, sim, corresponde a essas vivências e desencadeia esse processo. Em primeiro lugar, privilegio a reatualização edípica pela ressignificação que o advento do erotismo genital e da maturação física propicia, levando o complexo a borderar a tragédia (tanto na vivência interna quanto na convivência familiar), em que urge uma resolução de características distintas da realizada na infância.

A posição do sujeito, como aceitação da castração e situado em uma ordem social e familiar regida pelo tabu do incesto, promove sua renúncia forçada aos pais como objetos eróticos de amor, na qual sente que perde seu vínculo sexualizado infantil (tanto edípico como pré-edípico). Essa sim é uma árdua e lenta tarefa de luto (em termos energéticos conhecida como decatexização das imagens parentais), um processo ligado tanto à representação psíquica dos pais quanto à modalidade vincular e ao contato externo com os pais reais.

É essa uma difícil tarefa de luto, repito, não só porque se trata dos objetos mais significativos e desejados que teve e terá em sua vida, mas porque essa tarefa se encontra diante de dois grandes obstáculos. Um deriva de que deve renunciar, estando eles ainda presentes, sem que por isso percam o vínculo. O outro deriva de que essa renúncia de um vínculo tão apreciado e desejado deve trocar-se por uma relação terna e carinhosa, deserrotizada, que por momentos pareceria, devido aos dois obstáculos, assemelhar-se a um castigo similar ao de Tântalo.

Esse luto vê-se dificultado (como bem assinala Abraham para todo luto) pela ambivalência afetiva. Se os sentimentos de ódio e ressentimento prevalecem, promovem o enfrentamento encarniçado que ou se abeira do crime, ou se cristaliza em um vínculo persistente e cruel. Assim, para realizar-se a renúncia, devem ser mais intensos os sentimentos amorosos, de modo que neutralizem os sentimentos hostis e que o amor pelo progenitor do mesmo sexo (mais que o temor dele) promova o seu afasta-





mento em vez do enfrentamento. Se a falta de temor pela ameaça parental, que o conhecimento de sua força e vigor engendra no jovem (ele sabe que pode vencer seu progenitor), não se neutraliza pelo amor terno para com o progenitor do mesmo gênero, o confronto mortal é inevitável como na tragédia de Sófocles. Essa complexa resolução vê-se claramente influída e condicionada pela atitude que assumiram e assumem os pais para com o jovem e entre eles como par conjugal, determinada pelas próprias vicissitudes edípicas e história de vida e encadeamento geracional.

A situação edípica na adolescência não é uma repetição do complexo infantil, mas toma uma outra dimensão e destino a partir da resignificação que as conquistas desse período promovem. A perda com seu conseqüente luto é também aceita se, em troca, pode aceder ao contato genital e à vida amorosa de casal, socialmente convalidada, o que representa o prêmio de incentivo e prazer promovido pelo processo.

Esse luto, como é de esperar, é lento, árduo e paulatino. Em um sentido cumprem-se os três momentos assinalados por Freud, em outro não. Refiro-me a que, enquanto o conflito se encontra incipiente, o jovem se afasta reativamente dos pais, predominando a conduta no externo, mais reativa, com escassa remoção intrapsíquica. Já parcialmente, porém, ele os substitui pelo grupo de pares, que passa a cumprir algumas de suas funções e que é intensamente investido e geralmente contraposto aos pais. Nesse sentido, há coexistência do novo projeto e do anterior ainda não plenamente resignado. Fundir-se-ão o primeiro e o terceiro momento do luto para Freud, ou será que, apoiando-se somente em novos objetos e situações, pode ir parcialmente se desligando e independizando daqueles?

Similarmente, durante a primeira adolescência, predomina a relação com os amigos, em especial com “o” amigo ou “a” amiga íntima, que se instalam no ápice da elaboração edípica negativa, como deslocamento da figura parental, ao mesmo tempo que possibilita a renúncia a ela e seu afastamento, com a conseqüente derivação da energia narcisista-homossexual implícita no conflito, a carregar (ao ser neutralizada) o ideal do ego de uma instância mais diferenciada e relativamente autônoma. Ou seja, também nesse período há coexistência de objetos.

Na etapa posterior, em que se acentua mais plenamente a conflitiva edípica positiva, também se vê claramente (às vezes se inicia antes) a presença de objetos heterossexuais e a prática genital, enquanto se elabora o conflito. Pode-se notar aqui, mais evidentemente, as sensações de “vazio”, tristeza e reativação narcísica, produto do afastamento e desligamento catéxico do objeto edípico positivo e a volta para a própria pessoa da libido anteriormente ligada a ele. Esses vínculos heterossexuais são geralmente transitórios e pouco comprometidos, ainda que intensamente carregados de afeto. É logo depois dessas paulatinas renúncias e provas que finalmente se dá o desenlace edípico, e nesse sentido sim aparece um novo tipo de possibilidade de





ligar-se ao objeto, que seria esse “descobrimento de objeto” a que se referia Freud.

A fantasia de bissexualidade declina notoriamente a partir não da maturação puberal, mas da resolução edípica negativa, à qual se agrega, na relação posterior de par heterossexual, a delegação ao parceiro das fantasias alheias ao próprio gênero (por identificação projetiva) e a satisfação prazerosa obtida com a exercitação genital a partir do papel acorde com seu gênero; também contribuem as resoluções às reativações narcísicas e, em particular, o processo de desidealização.

Estimo que outro processo de luto, próprio da adolescência, seja a renúncia à imagem ideal forjada na infância sobre como seria quando jovem ou adulto. Isso é particularmente importante no que se refere ao corpo, já que o mesmo muda basicamente de acordo com os determinantes genéticos e não com o próprio desejo (ou o dos pais). Essa discordância entre o desejado e o que aparece cria, às vezes, um intenso conflito, e sua resolução implica em um penoso luto pela perda de um ideal de perfeição física que a realidade contraria e que nunca se alcançará (coincido nisso com o mencionado por O. Fernández Mouján, p.136).

Também se pode observar esse luto com relação a alguma capacidade ou habilidade imaginada a ser alcançada pelo desenvolvimento, quando a realidade mostra o adolescente inoperante nessa área ou carente desses dons que seriam utilizados. Só mediante uma lenta resignação imposta pela realidade, que possibilita a renúncia, com tristeza pelo que nunca será, como desenlace do luto, é que ele poderá descobrir, catexizar e, conseqüentemente, promover e enaltecer aquelas capacidades e/ou habilidades que efetivamente tem. Homologamente no caso do físico, poderá investir em seu corpo real e realçar seus aspectos mais destacados ou que mais se acerquem de seu ideal.

Essa problemática entre o que desejava ser (anseio infantil) e que, por momentos, crê que é (defesa megalômona reativa) e o que é e pode ser é responsável por muitas das flutuações anímicas próprias da adolescência e seguramente determina suas reações de vergonha e inferioridade face a seus aspectos não alcançados. Também origina perdas notórias de auto-estima em seu ainda primitivo sistema de regulação. Assim mesmo, essa conflitiva é de crucial importância no referente à eleição vocacional e inserção social.

Processos correlacionados com o luto na adolescência

Creio ser importante resumir alguns processos próprios desse período e diferenciá-los do luto com que se poderiam confundir. Em primeiro lugar, vou me referir ao processo de desidealização tanto do self quanto do objeto, provavelmente o pro-





Rodolfo Urribarri

cesso mais doloroso por que passa o adolescente. O incipiente movimento exogâmico, iniciado no período de latência e fortemente incrementado na adolescência, conecta-o com outras famílias (ou seja, outros pais e outras maneiras de relação parentofilial), adultos, relações de autoridade, permissividade, castigos e códigos, o que lhe permite ir comparando e compondo uma imagem mais realista dos progenitores do que aquela derivada da idealização infantil que os tornou fantásticos e onipotentes (ou reativamente incapazes e degradados) e que ocupou um papel preponderante na estrutura psíquica da criança.

Esse processo de desilusão gradual, porque os pais não são o que ele acreditava, que os faz cair desse lugar de semideuses em que estavam colocados por ele e os alinhe como sujeitos com virtudes e defeitos, capacidades e limitações, ou seja, os humanize, é um processo de modificação das imagens parentais, de mudança, de resignificação, não de luto. Algo similar poderíamos dizer da desidealização do self, quando, pelo encontro com os outros e o cotejo com a realidade através da ação, se vai perfilando uma representação mais realista consigo mesmo, deixando de lado as representações onipotentes infantis e as fantasias megalômonas. Essa modificação da auto-representação é influenciada pelo luto pela imagem esperada de si mesmo ao crescer, a que me referia anteriormente, ou é relacionada com esse luto.

O processo de desidealização está mais ligado às vicissitudes da reativação narcisista, à continuação e consolidação da passagem do ego ideal para o ideal do ego, ao declínio na crença da onipotência dos pais (que remete à própria onipotência injuriada) e ao distanciamento dos pais como suporte narcisista – a partir da confrontação e prova a que a realidade o submete – do que a um processo de perda e seu processamento como luto.

Esse processo de desidealização (tanto do self como do objeto), junto com o afastamento da utilização dos pais como sustentação e provisão narcísica que graduam a auto-estima, para centrar-se nas conquistas objetivas, no cumprimento de metas, em um cotejo com um ideal perseguido, possibilita ao jovem, gradualmente, na prova da ação, descobrir o que lhe é próprio, individual, que o vai distinguindo de sua família e grupo, e avançar no doloroso desapegar-se da autoridade parental de que falara Freud. Ou seja, o crescimento implica numa resignificação e dissolução da onipotência infantil, cuja compensação é ascender ao prazer e às prerrogativas dos adultos que o compensam da injúria narcísica ao ego ideal declinante.

Poderá parecer que há, no exposto acima, uma contraposição entre luto e resignificação, o que não é minha idéia. Talvez em certo sentido se possa entender o processo de luto como uma resignificação a posteriori, enquanto a perda do objeto promove uma reestruturação e reavaliação da relação com o mesmo. Mas além disso implica em processos que lhe são próprios (ressignificação do objeto, reconexão com





outros objetos e identificação). Assim mesmo se poderia colocar outras formas peculiares de ressignificação, que se processam de maneira diferente como nas estruturas de origem narcísica.

O processo de desidealização corresponde a um processo de ressignificação a posteriori, enquanto é desencadeado por “(...) acontecimentos e situações, ou por uma maturação orgânica¹ que permitem ao sujeito alcançar um novo tipo de significações e reelaborar suas experiências anteriores” (Laplanche e Pontalis, 1971, p.407).

É provável que nesse processo contribua o que S. Freud denominou juízo de condenação (também traduzido como juízo adverso) (Laplanche e Pontalis, 1971; Freud, 1915, 1910, 1909), “(...) que substitui o processo de repressão, que é automático e excessivo, por um controle comedido e intencional com a ajuda das instâncias psíquicas superiores” (Freud, 1909, p.116), como diz ao se referir ao Pequeno Hans. Por sua vez, Laplanche e Pontalis sugerem que: “(...) a esperança de tornar-se adulto, expressada desde o princípio pela idéia de que seu pênis – ‘com suas raízes no corpo’ – aumentaria de tamanho, constitui um dos mecanismos concretos mediante os quais o ego se desprende do conflito edípico e da angústia de castração” (1971, p.218). Esse mecanismo contém uma relação com a idéia de cura, segundo D. Lagache (Lagache, 1969).

Também se poderia considerar útil o conceito de mecanismo de desprendimento (Laplanche e Pontalis, 1971), introduzido por Edward Bibring, como é utilizado pelo ego, diferenciado do intento de descarga na ab-reação e dos intentos de reduzir a tensão e afastar o conflito como na operação dos mecanismos defensivos: “(...) sua função é dissolver a tensão gradualmente, mudando as condições internas que a originam” (Bibring, 1943, p.502).

Esse conceito, retomado e ampliado por D. Lagache, constitui “(...) uma passagem de um modo de funcionamento mental a um outro. O exemplo mais clássico é a passagem da repetição atuada à rememoração pensada e falada”, aludindo a seguir a outros como a passagem da dissociação à integração, ou a familiarização com as situações fóbicas. Assinala que a operação defensiva fica neutralizada/substituída pelas operações de desprendimento, que “(...) fazem um chamado à inteligência, no sentido em que nós a caracterizamos, pelo ajuste a situações novas e recomposição estrutural do campo psicológico, nós nos reencontramos com S. Freud, que, nos raros momentos em que aborda esse problema, faz intervir o juízo inteligente e a

1. Como, por exemplo, o conhecimento de outros, a comparação e confrontação com eles, a realização de certas ações novas como resultado das mudanças físicas, o advento do prazer genital, o acesso ao pensamento lógico, a aquisição de maior informação, entre outros, que faz com que a prova de realidade questione as crenças e vivências afetivas prévias.





Rodolfo Urribarri

eleição voluntária, os argumentos lógicos e a liberdade de decisão” (Lagache, 1961, p.34).

Suas considerações o levam a distinguir entre um ego constituído, “(...) agente das operações defensivas, automática e inconscientes, motivadas pelo id e o superego e que perseguem a redução urgente dos afetos desagradáveis e das tensões penosas”, e um ego que se está constituindo, que “(...) se diferencia por sua resistência às tensões e à repetição, tende à realização das possibilidades do sujeito, põe em jogo as mais altas formas da atividade consciente, (...) lhe permitem afirmar sua autonomia com relação ao ego constituído e proceder a uma recompostura estrutural do campo psicológico em uma ação ao mesmo tempo destruidora e reconstituente” (Lagache, 1961, p.34). Volta a esses conceitos ao referir-se à mudança no processo analítico, perguntando-se se esses mecanismos não estariam em jogo nos efeitos da interpretação e no resultado da psicanálise (Lagache, 1969).

Em relação ao colocado por esse autor, pode-se pensar que, caso se considere a idealização como um processo defensivo, seu processo inverso, a desidealização, corresponderia aos processos de desprendimento, cuja ação não foi claramente definida nem tampouco metapsicologicamente explicada, como com o juízo de condenação, mas que sem dúvida se diferenciam do luto e da ab-reação. Nessa perspectiva, a desativação do processo defensivo de idealização não dá lugar ao luto, assim como tampouco ocorre no levantamento da repressão ou no fim de uma formação reativa, dentro da conceitualização freudiana.

Poder-se-ia pensar a novela familiar, à parte suas raízes na situação edípica, como um processo defensivo não só derivado da comparação com outros pais, das frustrações ou desilusões que ocorrem nos pequenos acontecimentos da vida, do sentimento de ser relegado, ou de não ser correspondido, mas também como uma formação defensiva que perpetua a crença em pais idealizados (onipotentes), similar aos sonhos diurnos, quanto a manter a própria idealização frente às limitações e injúrias da realidade. Vemos que essas duas formações declinam durante a adolescência em eficácia e em frequência e que seriam como estações intermediárias no processo de desidealização que tentam conservar os ressaibos narcisistas prematuros, minados pela prova da realidade, ficando por fim as ditas fantasias relegadas a emergirem no sonho.

Outro aspecto importante é a mudança que se opera no eixo temporal, que adquire outro sentido a partir da adolescência. As mudanças intensas e bruscas que os jovens sofrem, a concomitante acomodação às mesmas, a remodelação de suas estruturas psíquicas e, em particular, da representação de si mesmos, fazem com que vão adquirindo outra noção de sua história e, particularmente, da irreversibilidade do tempo, em consequência, da irrecuperabilidade de seu passado, o que promove uma





certa nostalgia do mesmo, que pode ser confundida com o enlutar-se, por sua aparente semelhança fenomênica.

No trânsito adolescente, desempenha um papel preponderante, para o sucesso ou fracasso de sua missão, o trabalho de pôr em memória (permanência de invariantes basais) e pôr em história (reorganização de situações e outorgamento de novos sentidos), um “après coup” mediante o qual um passado, irrecuperável como tal, continua existindo psiquicamente, outorgando-lhe o sentimento de identidade, apesar das mudanças, em uma concatenação na qual a fugacidade do presente se lança em um projeto futuro altamente catexizado, através de uma tarefa de historização de uma autobiografia sempre inconclusa e em revisão, produto de um ego (self) que “(...) não pode ser e devenir exceto perseguindo-a desde o começo até o fim de seu existir” (Aulagnier, 1989, p.192), que alcança na adolescência seu ponto culminante e por vezes crítico.

Ou seja, os adolescentes não se enlutam pela infância como um paraíso perdido, mas se dão conta cabalmente de que essa não voltará a acontecer, que não se recria. Essa nostalgia que se gera, derivada de uma nova noção do decurso temporal, unida às angústias e dificuldades próprias do trânsito adolescente, faz com que idealize a infância, que por momentos lamenta na qual “(...) as imagens falsificadas de suas infâncias os ajudam a suportar as angústias dos amores adolescentes” (Kaplan, 1986).

Isso pode ser confundido com a tristeza que se assemelha ao o luto, mas tem, no meu entender, uma origem diferente. Às vezes, por exemplo, pude observar jovens com uma marcada nostalgia e apego pelo passado infantil que lhes custava deixar, devido a uma identificação com pais que não podiam aceitar o crescimento e independização de seus filhos e sofriam entristecidos; pelo que seu sentimento não se devia a dificuldades para elaborar os lutos pela infância perdida, mas a perceber que seu desenvolvimento e independização gerava tristeza e vivência de vazio nos progenitores.

Em outros termos, o jovem, em suas oscilações regressivo-progressivas, reatualiza e reinscreve seu passado a partir das ressignificações e remodelação de suas estruturas psíquicas, historiza sua vida e se outorga um sentido de continuidade egóica.

Essa noção diversa do tempo não só modifica o passado, mas preenche o futuro como o tempo em que se podem concretizar os anseios e satisfazer os desejos, que se amalgamam com as capacidades, possibilidades e ideais a que aspira, a partir do que se organiza um projeto de vida.





Rodolfo Urribarri

Sobre as diferenças entre o adolescente e aquele que está em luto ou sofre um infortúnio amoroso

Se é possível aceitar a semelhança aparente de atitudes frente ao tratamento, entre o adolescente e os pacientes que atravessam um período de luto ou infortúnio amoroso, sua explicação em termos catéxico-libidinais, como coloca Freud (1977), não me parece satisfatória. Os pacientes que atravessam tais estados encontram dificuldade em estabelecer contato com o analista, já que consciente e inconscientemente se encontram totalmente presos à situação que os aflige e carecem de interesse e capacidade libidinal para catexizar o vínculo e o tratamento e, às vezes, inclusive, para realizar as elementares tarefas cotidianas. Não ocorre o mesmo no caso dos adolescentes que, se podem estar lidando com as diversas ansiedades e preocupações que lhes depara o crescimento, incluídas as tarefas do luto, nem por isso deixam de interessar-se por novas situações, propostas ou pessoas, já que mostram uma inusual capacidade para desenvolver atividades e catexizar situações ou pessoas, além de seus pesares e tristezas. Portanto, estimo que essa atitude esquiva, distante ou pouco interessada não se explica em termos econômicos, mas como expressão de uma modalidade vincular, pela desconfiança que a situação ou o terapeuta lhe provocam, ou como rechaço de uma situação forçada pelos pais, ou como resultado da incapacidade do terapeuta de criar um espaço compartilhado. Os anos de prática clínica com jovens demonstram-me que é muitas vezes árduo conseguir estabelecer o vínculo terapêutico, que é lábil quanto a sua manutenção inicial. Mas não é sempre assim, também há muitos adolescentes desejosos de serem ajudados e que se prestam com gosto à tarefa, que estabelecem laços sólidos e persistentes com seu terapeuta e com a terapia, sempre que possam apreciar um compromisso afetivo e efetivo com ele e percebam uma escuta despida de preconceito (a partir do enfrentamento geracional basicamente). Assim não os vemos nessa atitude refratária e impenetrável característica dos pacientes antes mencionados, pelo contrário, interessados e colaboradores, ainda que atravessem lutos e sofram desencontros amorosos.

Essa relação entre os referidos quadros e a modalidade do jovem que Freud assinalou (1977) foi também hipertrofiada e quase chegou a uma sinonímia equivocada entre adolescência e enlutamento, pelo que tratarei de resumir algumas diferenças.

Aquele que está enlutado sente que perdeu alguém ou algo que identifica claramente e que sofre por não ter, enquanto o jovem não conhece o motivo de seu penar e ignora as razões de sua tristeza. Por outra parte, poderíamos dizer que o primeiro sofre um revés no mundo externo que não queria que ocorresse e que ocorreu, que lhe significa uma perda pela qual se entristece e se enluta. Enquanto o outro sofre por um





processo interno, inconsciente, que promove a renúncia, que tem um caráter mais ativo na busca de independência dos pais e distanciamento de sua autoridade.

O que sofre por um revés amoroso ou se enluta está “monopolizado” por esse conflito, e o dito processo ocupa-o consciente e inconscientemente; recorda, imagina, sonha, dialoga, incomoda-se, etc., com o objeto perdido, submergindo-se no passado e detendo o presente. Quanto ao jovem, esse não tem noção clara de seu processo, tem mais uma vivência difusa (de índole triste quanto ao desenlace edípico) e ademais, junto com sua saudade do passado, enlutar-se ou ter males de amor, ocupa-se e interessa-se por outras coisas, busca, cria outros vínculos e situações, realiza atividades sublimatórias e criativas, imagina e projeta-se no futuro.

Os lutos dos pais durante a adolescência de seus filhos e processos correlacionados

Como já assinali em diversos trabalhos (Urribarri, inédito, 1977), estimo que a problemática da adolescência não se atém somente ao jovem, mas envolve toda a família, particularmente os pais, os quais também têm que realizar acomodações conductuais, lutos e modificações intrapsíquicas.

Mais ou menos conscientemente, desde a gestação, os pais despejam expectativas sobre o filho e forjam ilusões, que esperavam que se cumprissem ao finalizar seu desenvolvimento. Pendem para elas, buscam promovê-las, induzi-las ou forçar sua progressiva realização. A reestruturação adolescente, a busca de autonomia e desprendimento da autoridade parental, bem como a chegada à plenitude física e genital que possibilita ao filho enfrentar-se com seus pais, podem gerar em maior ou menor grau uma atitude que se oponha aos desejos parentais ou que deles se desvie, ou que ainda, dirigindo-se no sentido de cumpri-los, o faça por caminhos ou formas diferentes dos esperados.

Essa situação de injúria narcísica confronta os pais com a perda do filho desejado, que não se cumpre, apesar das reais conquistas ou triunfos que esse obtenha, já que rompe em alguma medida com esse ideal longamente forjado. Por conseguinte essa perda promove luto nos pais.

Por outra parte, a maturação física e genital dos filhos com a conseqüente possibilidade de concretização tanto do crime como do incesto engendra também para os pais o risco de que a conflitiva edípica desemboque em tragédia. Terá que perder seu filho incestuoso desejado e renunciar aos referidos impulsos, o que implica um luto concomitante ao realizado pelo filho. Vê-se dificultado em parte porque deve aceitar a vida genital do filho, o que lhe faz perder uma posição de privilégio na



Rodolfo Urribarri

família, já que anteriormente a genitalidade era monopólio seu.

Há outros processos correlacionados e que se parecem ao luto sem sê-lo estritamente. Assinalarei sinteticamente três que acredito importantes.

Um se refere à acomodação derivada da paulatina declinação da dependência do filho e da conseqüente necessidade de seus pais, tanto nos aspectos concretos quanto no atinente ao suporte e provisão narcísicas. É sem dúvida um processo lento, ríspido, por vezes doloroso, de liberação e individuação mútuo, paralelo e concomitante à resolução edípica e seu correspondente luto.

Outro se refere ao temporal e geracional. A profunda e contínua mudança aproxima o jovem da maturidade, ou seja, de uma relativa homologação com seus progenitores. O esplendor físico, o vigor e a potência que os jovens transmitem, assim como a imagem de uma vida pela frente e múltiplos projetos a cumprir, são elementos que confrontam os pais com o próprio físico, sinais de envelhecimento (ou enfermidades), um projeto de vida delimitado, o que os leva a questionar o cumprimento, abandono ou traição de planos e ideais adolescentes, desembocando na denominada crise da meia idade.

A isso se acrescenta que, geralmente nessa época, se fazem evidentes a velhice, o declínio e morte da geração de seus próprios pais, graças ao que se vê face a duas frentes simultâneas: uma o reconecta ao passado adolescente e a outra projeta-o para a velhice e à morte, o que implica numa resignificação não só do momento atual de sua vida e relação com os filhos, mas também de sua posição como filho, de seu lugar na cadeia geracional e com a vida e a morte.

Finalmente é importante a reacomodação que possa se produzir no par conjugal, ligada aos lutos e processos anteriores e, em particular, ao seu reencontro como casal, parcialmente relegado para dar curso à parentalidade.

Considerações finais²

Quisera destacar que minha preocupação é poder entender esse período da vida não de uma perspectiva que o marca com o sofrimento pela perda e dificuldade para avançar, em um funcionamento entre caótico e confuso que, quando não se apresenta assim, é conotado como produto de manobras defensivas, o que aproxima o adolescente à mania, à psicopatía ou à psicose com profundas e extensas implicações na clínica.

2. Algumas das propostas desse trabalho, em particular quanto ao luto, foram retomadas e discutidas com o dr. Philippe Jeammet (Soc. Psic. de Paris e Presidente da International Society for Adolescent Psychiatry) em um diálogo mais amplo realizado em 2 de agosto de 1991 e parcialmente publicado na revista *Zona Erógena*.





Nessas formulações, nas quais se patologiza o desenvolvimento em lugar de compreendê-lo e explicá-lo, pode-se visualizar um equívoco. São propostas que provêm da clínica e que se assemelham, somente com diferenças de grau, ao processo normal, o que sem dúvida é errôneo e leva a confundir o assombro e perplexidade do jovem frente a suas mudanças, ao desconcerto quanto a sua exercitação e a sua ainda insuficiente representação e significação, com episódios de despersonalização, confusão, ou processos de luto.

É certo que, no tratamento psicanalítico de jovens, se pode observar alguns fenômenos de dificuldade para aceitar a mudança e as modificações do crescer (tanto física quanto psiquicamente), ou, em outros termos, tolerar a passagem do tempo e as renúncias e adaptações concomitantes, mas só isso não basta para teorizar os lutos como eixos centrais do processo adolescente, já que isso não se corrobora com a observação da generalidade, nem explica os fenômenos próprios desse período. Em particular não dá conta de por que razão o jovem espera, busca, promove e desfruta a mudança e o progresso.

Estimo que essa escolha na teorização da adolescência se deveu a dois erros difundidos amplamente e aceitos quase sem questionamento. O primeiro é que perda implica automaticamente em luto. Nesse sentido, se o jovem deixa de ter algo que possuía (ou, em outras palavras, experimenta uma carência relativa ou privação do que possuía ou era), o que literalmente equivale à perda, não implica necessariamente em que isso seja significado como perda por ele; creio ter desenvolvido e assinalado como o prêmio de incentivo e de prazer frente ao novo desloca o eixo significativo que, em geral, se inclina para o lado do ganho (adquirir ou aumentar um caudal/conquista).

O segundo se refere ao uso do termo luto como unívoco, quando em realidade não o é. Se bem sua etimologia latina remeta à dor, não quer dizer que toda situação dolorosa implique em luto. Trato, pois, de privilegiar o sentido e as formas do trabalho de luto colocadas por Freud. Nesse aspecto postulo que nem toda perda se processa segundo esse trabalho de luto, próprio da perda objetal, e que há outras formas de processamento (como para os componentes narcísicos) não suficientemente esclarecidas ainda.

Talvez convenha recordar brevemente aqui o assinalado por Sigmund Freud em “A transitoriedade”, quando, referindo-se à atitude do jovem poeta que admirava a beleza natural da campina, mas sem desfrutá-la, já que o preocupava (quase diria o obcecava) a idéia de que toda essa beleza desapareceria com a mudança de estação, comenta enfaticamente: “(...) a rebelião anímica por algo que se perde não deve malograr o prazer do belo” (p.309). Pelo contrário, para ele, a escassez de tempo, que dá lugar a uma “(...) restrição na possibilidade de gozo o torna mais apreciável”



(p.309). Ou seja, o perecível, para Sigmund Freud, não detém, mas potencializa o desejo, o que desemboca na busca de novos objetos que compensem a perda, ao ponto de dizer: “*A formosura do corpo e do rosto humano, nós a vemos desaparecer para sempre dentro de nossa própria vida, mas essa brevidade agrega a seus encantos um novo*”. E acrescenta, logo depois de se referir à possibilidade de que os tesouros artísticos desapareçam: “*(...) o valor de todo esse belo e perfeito estaria determinado unicamente por sua significação, para nossa vida sensitiva; não faz falta que sobreviva a ela e é, portanto, independente da duração absoluta*” (p.310).

Ou seja, os que, como o poeta, não podem desfrutar das coisas transitórias da vida (como ocorre com o evolutivo), devido ao que “se perde” com o advento do “novo”, isso é assim porque, em sua história pessoal (subjetividade condicionada pela intersubjetividade na relação com os pais), a mudança foi significada de modo catastrófico, com características em que predominam os sentimentos de angústia e as vivências de perda frente ao que passa ou se deixa. Mas isso não é de se esperar frente ao desenvolvimento, só em certas patologias.

Estimo que a força para esse tremendo processo de mudança que é a adolescência não está centrada na revivescência e revalorização do infantil (na criança dolorida, desgostosa, excitada que foi) com um luto quase patológico que vai declinando com o tempo. Mas é motorizada pela emergência do novo, que promove novas configurações estruturais, que em algum grau englobam e transformam o prévio em uma composição com olhos para o futuro, desde a apojatura brindada por certa condição narcísica, por certa identificação totalmente nova, diferente (que não se determina nem se explica só pelo passado), que por si só torna prazeroso ser-se como se é, nesse momento, ou como se será em um futuro próximo (Paz, 1990). □

Summary

A critical review of the well known relationship between mourning and adolescence is proposed in order to redefine its real dimension and to refuse its generalizations (considering what is suggested by authors such as A. Freud, P. Blos, A. Aberastury and O. Fernández Mouján), starting from the point of view and definition given by S. Freud in “Mourning and melancholia”. The author disagrees with the point of view that emphasizes the mourning issue in the adolescent process and justifies the characterization of this period as one of gains and evolutions instead of one of losts and grievances supporting his opinion in Freud’s concepts, such as the “pleasure prize”, as well as in a different characterization of the developmental process. The author explains his understanding of the mourning process and differentiates it from





other related processes, such as the desidealization, in order to address the adolescent process using a variety of concepts. Finally, the author focuses the parental issue concerning adolescence. At the end a summary of the author's ideas is presented, reorganizing and characterizing his thoughts (concerning adolescence) including the implications that this understanding brings to the clinical practice of the psychoanalytic treatment of the adolescent patient.

Resumen

Se plantea un examen crítico de la difundida relación duelo-adolescencia, tratando de delimitar su verdadera dimensión y de refutar su generalización (considerando lo expuesto por autores diversos como A. Freud, P. Blos, A. Aberastury y O. Fernández Mouján), desde la perspectiva y definición planteada en “Duelo y Melancolía” por S. Freud. Considerando la crítica al centramiento de la adolescencia en torno a los duelos, el autor plantea su disidencia y justifica la caracterización de este período como de ganancias y progresos, en vez de pérdidas y duelos, asentándose en conceptos freudianos como “prima de placer”, así como también una caracterización diferente del proceso de desarrollo. Especifica luego lo que entiende como problemática a duelar y diferencia otros procesos conexos, como la desidealización, para adentrarse en la elucidación del proceso adolescente, recurriendo a diversos conceptos. Hace, después, una breve caracterización de la problemática de los padres durante la adolescencia de los hijos, para finalizar con una síntesis de sus replanteos y de la caracterización de la adolescencia, así como de las concomitantes clínicas que de ello se derivan en el tratamiento psicoanalítico de jóvenes.

Referências

- ABERASTURY, A. (1971). *Adolescencia*. Buenos Aires: Kargieman.
———. (1971, 1972). Comunicaciones personales
———. (1971). Adolescencia y psicopatía. Duelo por el cuerpo, la identidad y los padres infantiles. In: *Adolescencia normal* (cap. 3), de Aberastury y M. Knobel. Buenos Aires: Paidós.
AULAGNIER, P. (1989). Se construire un passé. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, n° 7. Paris: Centurion.
BIBRING, E. (1943). The Conception of the Repetition Compulsion. *The Psychoanal. Quarterly*, p.486/519.
BLOS, P. (1980). *Psicoanálisis de la adolescencia*. Mexico: J. Ortiz.
———. (1981). *La transición adolescente* (cap. 8). Buenos Aires: Amorrortu.
DEUTSCH, H. *Psicología de la mujer*. Buenos Aires: Losada.



Rodolfo Urribarri

- FERNÁNDEZ MOUJÁN, O. (1974): *Abordaje técnico y clínico del adolescente*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- . (1984). El trabajo de duelo durante la adolescencia. In: *Adolescencia, de la metapsicología a la clínica*, compilado por S. Quiroga. Buenos Aires: Amorrortu.
- FRUED, A. (1977). La adolescencia. In: *Psicoanálisis del desarrollo del niño y del adolescente*. Buenos Aires: Paidós.
- FREUD, S. (1905). Metamorfosis de la pubertad. In: *Tres ensayos*. A.E., VII.
- . (1905). El chiste y su relación con lo inconsciente. A.E., VII.
- . (1908). El creador literario y el fantaseo. A.E., IX.
- . (1917 [1915]). Duelo y melancolía. A.E., XIV.
- . (1915). La represión. A.E., XIV.
- . (1910). Cinco conferencias sobre psicoanálisis. A.E. XI.
- . (1909). Análisis de la fobia de un niño de cinco años. A.E., X.
- . (1916 [1915]). La transitoriedad. A.E., XIV.
- GRINBERG, L. (1963). Sobre dos tipos de culpa. *Rev. de Psicoanálisis*, XX,4.
- JACOBSON, E. (1974). *El self y el mundo objetal*. Buenos Aires: Beta.
- KAPLAN, L. (1986). *Adolescencia. El adiós a la infancia*. Buenos Aires: Paidós.
- KNOBEL, M. (1971). *Adolescencia normal*. Prólogo. Buenos Aires: Paidós.
- LAGACHE, D. (1961). La psychanalyse et la structure de la personnalité. In: *La psychanalyse*. Paris: PUF.
- . (1969). Aporte para un estudio sobre el cambio individual durante el proceso analítico. *Rev. de Psicoanálisis*, XXVI, 1.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. (1971). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Labor.
- PAZ, R. (1990). Comunicación personal.
- ROOT, N. (1957). A Neurosis in Adolescence. In: *The Psychoanalytic Study of the child*, v. 12. New York: International Univ. Press.
- SALAS, E. (1972 y 1988). Comunicaciones personales.
- URRIBARRI, R. *Pubertad: entrada y características*, inédito, octubre de 1985, Op. escrita para curso de Prof. Uba, Fac. de Psicología.
- . (1977). *La familia adolescente*. Actualidad Psicológica.
- . (1991). Pérdida de seres queridos en la infancia y en la adolescencia. *N/A: Psicoanálisis con Niños y Adolescentes*, n° 1, tomo 1. Buenos Aires.
- WOLFENSTEIN, M. (1966). How is Mourning Possible. *The Psychoanalytic Study of the child*, v. 21.

Recebido em 02/04/2003

Aceito em 09/04/2003

Tradução de **Clotilde P. de S. Favalli**

Revisão técnica de **Anette Blaya Luz**

Rodolfo Urribarri

Junín 1397, 12° "A", C1113AAK

Buenos Aires – Argentina

© Revista de Psicanálise – SPPA

70 □ Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 1, abril 2003

